

# O MISTÉRIO PASCAL

Significado teológico da Páscoa | Liturgia como memorial | O Tríduo Pascal

## ABERTURA

O tempo litúrgico é a ritualização do tempo bíblico sagrado ou tempo histórico-salvífico, e, neste sentido, surge como continuação do mesmo no plano ritual e simbólico.

O acontecimento de salvação que deu origem ao tempo sagrado não só é objeto de recordação ou evocação, mas também de atualização no tempo litúrgico

## Militão de Sardes

*Com efeito, a lei fez-se Palavra e, sendo antiga, tornou-se nova; o preceito deu lugar à graça, a figura transformou-se em realidade, o cordeiro em Filho, a ovelha em homem e o homem em Deus. Gerado como Filho, conduzido como cordeiro, imolado como ovelha, sepultado como homem, ressuscitou dos mortos como Deus, sendo por natureza Deus e homem. Ele é tudo: enquanto julga, lei; enquanto ensina, Verbo; enquanto salva, graça; enquanto gera, Pai; enquanto é gerado, Filho; enquanto padece, cordeiro; enquanto é sepultado, homem; enquanto ressuscita, Deus.*



## O MISTÉRIO PASCAL DE CRISTO

Não é correto pensar que o mistério pascal é apenas uma parte do mistério de Cristo. Também não devemos dizer que o mistério pascal se reduz, exclusivamente, à morte e ressurreição do Senhor. Seria uma forma simplista de conceber o acontecimento pascal de Cristo.

S. João, que foi quem melhor compreendeu a dinâmica pascal do acontecimento de Cristo, põe nos lábios de Jesus umas palavras profundamente significativas: “*Saí do Pai e vim ao mundo; agora deixo o mundo e vou para o Pai*” (Jo 16,18). Estas palavras são, simultaneamente, uma esplêndida síntese do mistério pascal e do mistério de Cristo. Este é considerado, não como mera justaposição de factos mais ou menos insignificantes, mas como um acontecimento único contendo uma profunda dinâmica. Há, primeiramente, um processo de humilhação ou de abaixamento, que começa na encarnação e culmina na morte; e, depois, um segundo processo de glorificação ou de retorno ao Pai que culmina quando Cristo se senta, como Senhor, à direita do Pai. Aqui sobressai, com uma clareza extraordinária, a ideia de *passagem* que, sem qualquer dúvida, é conceito-chave para descobrir a dinâmica pascal. O próprio S. João dá a entender a dinâmica pascal do mistério de Cristo ao escrever: “*Antes da festa da Páscoa, Jesus, sabendo bem que tinha chegado a sua hora da passagem deste mundo para o Pai, Ele, que amara os seus que estavam no mundo, levou o seu amor por*



## FILIPENSES

(2,5-11)

*<sup>5</sup>Tende entre vós os mesmos sentimentos, que estão em Cristo Jesus: <sup>6</sup>Cristo Jesus, que era de condição divina, não Se valeu da sua igualdade com Deus, <sup>7</sup>mas aniquilou-Se a Si próprio assumindo a condição de servo, tornou-Se semelhante aos homens. Aparecendo como homem, <sup>8</sup>humilhou-Se ainda mais, obedecendo até à morte e morte de cruz. <sup>9</sup>Por isso Deus O exaltou e Lhe deu o nome que está acima de todos os nomes, <sup>10</sup>para que ao nome de Jesus todos se ajoelhem, no céu, na terra e nos abismos, <sup>11</sup>e toda a língua proclame que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai.*

(Vésperas I Domingo)

*eles até ao extremo” (Jo 13,1). É precisamente na cruz que mais visivelmente se realiza a *passagem* da morte à vida. Mais ainda, na cruz convergem, misteriosamente, quer o aspeto de humilhação e de morte, quer o de glorificação e de triunfo. O Cristo da cruz é, ao mesmo tempo, o homem das dores, sacrificado e morto, e o Senhor triunfador, vencedor da morte e do pecado. Na verdade, todo o mistério de Cristo é mistério pascal (**ler Fl 2,5-11**). Neste hino cristológico das primeiras comunidades cristãs e citado por S. Paulo, é descrito o mistério de Cristo, mas interpretado segundo a perspetiva da Páscoa. Os dois aspetos que caracterizam o mistério pascal - humilhação e glorificação - surgem claramente definidos e estreitamente vinculados entre si, formando uma unidade indissolúvel.*

(cf.: Bernal, *Para viver o ano litúrgico*, Gráfica de Coimbra)

## SIGNIFICADO TEOLÓGICO DA PÁSCOA

Recorramos às *Normas Gerais sobre o Ano Litúrgico e o Calendário* para apresentar o significado teológico da Páscoa: “O sagrado Tríduo da Paixão e Ressurreição do Senhor é o ponto culminante de todo o ano litúrgico, porque a obra da redenção humana e da perfeita glorificação de Deus foi realizada por Cristo especialmente no seu mistério pascal, pelo qual, morrendo destruiu a nossa morte e ressuscitando restaurou a vida. A proeminência que na semana tem o domingo tem-na no ano litúrgico a solenidade da Páscoa (NUALC 18).

O significado teológico dos três dias é realçado também pelo Catecismo da Igreja Católica: “A economia da salvação realiza-se no quadro do tempo, mas a partir do seu cumprimento na Páscoa de Jesus e da efusão do Espírito Santo, o fim da história é antecipado, pregustado, e o Reino de Deus entra no nosso tempo” (CIC 1168).

## PARA REZAR

*“O anjo tomou a palavra e disse às mulheres: Não tenhais medo; sei que procurais Jesus, o Crucificado. Não está aqui: ressuscitou, como tinha dito. Vinde ver o lugar onde jazia. E ide depressa dizer aos discípulos: Ele ressuscitou dos mortos e vai adiante de vós para a Galileia. Lá O vereis. Era o que tinha para vos dizer” (Mt28,5-7).*



## CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA

**1168.** Partindo do Tríduo Pascal, como da sua fonte de luz, o tempo novo da ressurreição enche todo o ano litúrgico da sua claridade. Progressivamente, dum lado e doutro desta fonte, o ano é transfigurado pela liturgia. Ele é realmente o ano da graça do Senhor. A economia da salvação realiza-se no quadro do tempo, mas a partir do seu cumprimento na Páscoa de Jesus e da efusão do Espírito Santo, o fim da história é antecipado, pregustado, e o Reino de Deus entra no nosso tempo.

**1169.** É por isso que a Páscoa não é simplesmente uma festa entre outras: é a «festa das festas», a «solenidade das solenidades», tal como a Eucaristia é o sacramento dos sacramentos (o grande sacramento). Santo Atanásio chama-lhe «o grande domingo», tal como a Semana Santa é chamada no Oriente «a semana maior». O mistério da ressurreição, em que Cristo aniquilou a morte, penetra no nosso velho tempo com a sua poderosa energia, até que tudo Lhe seja submetido.

**1171.** O ano litúrgico é o desenrolar dos diferentes aspectos do único mistério pascal. Isto vale particularmente para o ciclo das festas em torno do mistério da Encarnação (Anunciação, Natal, Epifania), que comemoram o princípio da nossa salvação e nos comunicam as primícias do mistério da Páscoa.

# A LITURGIA, MEMORIAL DO MISTÉRIO PASCAL DE CRISTO

“A Liturgia, pela qual, especialmente no sacrifício eucarístico, «se opera o fruto da nossa Redenção», contribui em sumo grau para que os fiéis expressem na vida e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a autêntica natureza da verdadeira Igreja, que é simultaneamente humana e divina, visível e dotada de elementos invisíveis, empenhada na acção e dada à contemplação, presente no mundo e, todavia, peregrina, mas de forma que o que nela é humano se deve ordenar e subordinar ao divino, o visível ao invisível, a acção à contemplação, e o presente à cidade futura que buscamos” (SC 2). Este número da Constituição Apostólica sobre a Sagrada Liturgia, Sacrosanctum Concilium, afirma precisamente o quando indicámos no apartado anterior. Se o Mistério Pascal realiza a nossa redenção, fá-lo pela Liturgia, ou seja, pelos Sacramentos e, em especial, pela Eucaristia.

A liturgia é a manifestação do Mistério da salvação, plenamente realizado no mistério pascal de Cristo. A Liturgia é a atualização da história da salvação e sua celebração permanente. Ou, como afirmava Salvatore Marsili: “a liturgia é o momento atual da história da salvação”, ela está toda orientada para a história da salvação que é o mistério de Cristo, e os seus ritos são sempre sinais deste mistério.

O tempo da Igreja é a continuação do tempo de Cristo, o qual, graças à acção da liturgia, se faz continuamente presente na Igreja e nela em todos os cristãos.

Na verdade, o *Hoje* litúrgico refere-se ao eterno *Hoje* da liturgia, em que se torna presente o único e mesmo mistério de Cristo: “é impróprio afirmar: os tempos são três: pretérito, presente e futuro. Mas talvez fosse próprio dizer: os tempos são três: presente das coisas passadas, presente das presentes, presente das futuras” (Sto Agostinho). A liturgia celebra sempre o *eterno Hoje* da salvação em Cristo.





## PALAVRA DE DEUS

*Todos nós, que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados na sua morte. Pelo Baptismo fomos, pois, sepultados com Ele na morte, para que, tal como Cristo foi ressuscitado de entre os mortos pela glória do Pai, também nós caminhemos numa vida nova. De facto, se estamos integrados nele por uma morte idêntica à sua, também o estaremos pela sua ressurreição. É isto o que devemos saber: o homem velho que havia em nós foi crucificado com Ele, para que fosse destruído o corpo pertencente ao pecado; e assim não somos mais escravos do pecado. É que quem está morto está justificado do pecado. Mas, se morremos com Cristo, acreditamos que também com Ele viveremos. Sabemos que Cristo, ressuscitado de entre os mortos, já não morrerá; a morte não tem mais domínio sobre Ele. Pois, na morte que teve, morreu para o pecado de uma vez para sempre; e, na vida que tem, vive para Deus. Assim vós também: considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus.*

(Rm 6,3-11)

## O TRÍDUO PASCAL

O Tríduo Pascal não constitui uma preparação da solenidade da Páscoa, mas é, verdadeiramente, a celebração da morte e da Ressurreição de Cristo, da qual resplandece a novidade de vida em Cristo que brota da sua morte redentora.

Na verdade, a teologia dos três dias comemora o mistério da cruz gloriosa de Cristo, o seu repouso no sepulcro e a sua Ressurreição. Estas celebrações são introduzidas pela Missa da Ceia do Senhor e atingem o seu momento culminante na Vigília pascal da Noite Santa. “O Tríduo pascal da Paixão e da Ressurreição do Senhor, ponto culminante de todo o Ano Litúrgico, inicia-se com a Missa da Ceia do Senhor, tem o seu centro na Vigília Pascal e termina com as Vésperas do Domingo da Ressurreição” (NUALC 19). “Na Sexta feira da Paixão do Senhor e, conforme as circunstâncias, no Sábado santo até à Vigília Pascal, celebra-se em toda a parte o sagrado jejum pascal” (NUALC 20), presente na história da Igreja desde os inícios e respondendo na fé à afirmação de Jesus: *Virão dias em que o Esposo lhes será tirado; então, nesses dias, não-de jejuar* (Lc 5,35). A Vigília Pascal, na noite santa em que o Senhor ressuscitou, é considerada como a mãe de todas as santas vigílias (Sto Agostinho), na qual a Igreja espera em vigília a ressurreição de Cristo e a celebra nos sacramentos (NUALC 21).

O Tríduo é o cume/vértice de um caminho histórico realizado pelas comunidades eclesiais na Quaresma... E aqui é irrenunciável o dever ser da Igreja! Neste sentido, a Páscoa de Cristo não é somente recordação de factos passados... se uma comunidade percorreu o itinerário quaresmal, então faz verdadeiramente Páscoa, no sentido que, na multiplicidade das suas manifestações, é vida (progressiva participação na realidade) cristã.

### QUERO APROFUNDAR

**José Manuel Bernal**, *Para Viver o ano Litúrgico*, Gráfica de Coimbra, 2001.

**Concílio Vaticano II**, *Sacrosanctum Concilium*, nn. 1 - 11.

**Cordeiro - Esteves**, *Liturgia da Igreja*, Universidade Católica Editora, 2008.